

A análise comunicacional da identidade transexual na telenovela A Força do Querer: uma perspectiva dos Estudos Culturais¹

Georgia de MATTOS²
Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP

Resumo

Neste artigo, buscou-se entender como a telenovela A Força do Querer, da Rede Globo, construiu a identidade transexual. Como ferramenta de análise, utilizou-se a perspectiva teórico-metodológica dos Estudos Culturais, Circuito da Cultura, composto por cinco processos distintos: representação, identidade, produção, consumo e regulação, como um sistema capaz de interpretar significados. No entanto, o artigo se restringe ao eixo identidade. O estudo também se apoia no trabalho de Berenice Bento, para ampliar a reflexão sobre a questão da transexualidade. Concluiu-se que a telenovela produziu uma identidade transexual baseada no padrão formulado oficialmente pelo saber/poder médico, denominado por Bento (2006) de “dispositivo da transexualidade”, mas também se colocou favorável às diferenças identitárias.

Palavras-chave: Identidade transexual; Circuito da Cultura; Estudos Culturais.

Introdução

Este trabalho busca entender como se deu a construção da identidade transexual na telenovela A Força do Querer, da Rede Globo, exibida entre abril e outubro de 2017, de autoria de Glória Perez. Para tanto, a análise do trabalho se utiliza do instrumento analítico do Circuito da Cultura, desenvolvido por Paul du Gay et al. (1997), aporte teórico-metodológico dos Estudos Culturais, que tem na cultura o parâmetro central de seus estudos, compreendida como um conjunto de práticas sociais, num sentido antropológico do termo, que se refere a tudo que é distintivo de um povo, comunidade, nação ou grupo social. A cultura, nesse âmbito, traduz os valores compartilhados de um grupo ou de uma sociedade, que expressa certos significados culturais, “porque todas as práticas sociais são práticas significativas, elas são fundamentalmente culturais” (DU GAY et al., 1997, p. 2).

Os autores entendem que os significados são produzidos em vários lugares diferentes e circulam por vários processos ou práticas diferentes, é o que eles propõem como “circuito cultural”. Aquilo que significa em nossa sociedade contribui para formar

¹ Trabalho apresentado no GT Comunicação Popular e Alternativa, do PENSACOM BRASIL 2018.

² Mestra em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba - Uniso, email: georgia.jor@gmail.com.

nossa própria identidade, criar um senso de pertencimento e, desse modo, a cultura marca e mantém as identidades e as suas diferenças entre os grupos. Assim, essa perspectiva metodológica estabelece cinco processos distintos – representação, identidade, produção, consumo e regulação, como responsáveis por produzir os significados na sociedade. Ao contrário de outras proposições analíticas, que privilegiavam somente o processo de produção enquanto determinante para a construção de significado, este modelo se baseia na articulação de uma série de processos distintos, que se combinam para formar uma unidade temporária, sem privilegiar qualquer um de seus eixos, podendo partir de qualquer um deles, sem seguir uma ordem designada. Por isso, a análise do trabalho se concentra na identidade produzida pela telenovela.

Sobre a transexualidade, que se refere à condição do indivíduo que não se identifica com o gênero instituído no nascimento, toma-se como base o estudo realizado por Bento (2006, 2008) com pessoas transexuais participantes de um programa de transgenitalização. Além de discorrer sobre alguns dos preceitos propostos pela autora, a pesquisa também reflete sobre o poder presente nos variados sistemas de representação, responsáveis por legitimar as identidades sociais e culturais, reflexão esta também calcada no campo dos Estudos Culturais.

Identidades marcadas pela diferença: o sujeito transexual como o “outro”

As identidades – sejam elas quais forem – adquirem sentido por meio dos significados que são produzidos pelos sistemas de representação, portanto, são socialmente construídas no interior da representação, através da cultura. De acordo com Woodward (2014, p. 18): “É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido a nossa experiência e àquilo que somos”. Os diferentes sistemas de representação – cinema, publicidade, telenovela e etc. – possuem profunda influência sobre a forma como as identidades são formadas, ao estabelecer as posições em que o sujeito pode tomar, mediante o processo de identificação, tornando-o reconhecido social e culturalmente na posição tomada. Woodward (2014) afirma que os discursos engendrados pelos sistemas de representação constroem os lugares pelos quais os indivíduos podem se posicionar, ao se identificarem com uma ou outra identidade representada, apropriam-se dela e a reconstruem para seu uso.

Quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. Os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades (WOODWARD, 2014, p. 56).

Nessa esfera, a questão que Woodward (2014) levanta é justamente sobre as relações de poder que estão imbricadas na prática da representação, ao preferir e privilegiar certos significados relativos a outros. Isso inclui o poder, precisamente, de definir quem é incluído e quem é excluído, ou seja, quais identidades são legitimadas e quais são marcadas pela diferença. A identidade e a diferença estão, desse modo, estritamente ligadas com as relações de poder. Como reitera Silva (2014, p. 91), “quem tem poder de representar, tem o poder de definir e determinar a identidade”. Para ele, tanto a identidade quanto a diferença fazem parte da relação de poder, que não são somente definidas discursivamente pelos sistemas de representação, mas impostas por eles, numa relação de constantes disputas.

Woodward (2014) salienta que a diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, de modo a estabelecer uma oposição entre uma determinada identidade e a sua “outra”, marcada pela diferença. A marcação da diferença é o próprio elemento-chave para a constituição da identidade. Segundo a autora, a identidade é relacional, no sentido de que para existir, ela depende exatamente de algo que está fora dela, precisa se distinguir do que ela não é. Hall (2014, p. 110) concorda e afirma que “toda identidade tem necessidade daquilo que lhe falta”, pois é a partir da marcação da diferença, daquilo que “lhe falta” que a identidade é construída como tal. Assim, a identidade depende da diferença. E as identidades consideradas diferentes, na maioria das vezes, são tachadas como estranhas, presumidas como desviantes. As construções dos significados dados às identidades funcionam discursivamente para separar aquilo que é marcado, daquilo que não é. Assim como a identidade de gênero, em que o/a transexual é o/a outro/a, marcado/a pela sua “diferença” com as identidades não transexuais.

Ao requerer a transformação do corpo, o/a transexual revela sua inadequação ao gênero imposto no nascimento, imposição esta feita por consequência de sua genitália. Essa mudança corpórea é considerada como imprópria ou monstruosa, mas como adverte Preciado (2014), a sociedade esquece que todos já passamos pela primeira

operação simbólica ao nascer, quando fomos instituídos como pertencentes a um dos sexos e, conseqüentemente, este determinou nosso gênero e a posição social que deveríamos ocupar.

As operações mais conhecidas sob o nome de cirurgia de mudança de sexo e de retribuição sexual, que são popularmente estigmatizadas como casos limites ou exceções estranhas, não passam de mesas secundárias nas quais se renegocia o trabalho de recorte realizado sobre a primeira mesa de operações abstrata pela qual todos nós passamos. A própria existência das operações de retribuição ou mudança de sexo, assim como os regimes de regulação legal e médico que estas suscitam, são a prova de que a identidade sexual (“normal”) é sempre e em todo caso o produto de uma tecnologia biopolítica custosa. (PRECIADO, 2014, p. 128).

Segundo Preciado (2014), essa primeira mesa de operação, que ocorre no nascimento, designa os órgãos sexuais como zonas geradoras da totalidade do corpo, que conferem ao sujeito o feminino ou o masculino. Por isso, se o corpo possui pênis, logo lhe é proibido o uso de saia. Nessa norma, o conflito social que o/a transexual sente é regido pelo seu sexo, este é quem determina sua identidade de gênero. Como afirma Preciado (2014, p. 131): “os órgãos sexuais não são somente ‘órgãos reprodutores’, no sentido de que permitem a reprodução sexual da espécie, e sim [...] ‘órgãos produtores’ da coerência do corpo como propriamente ‘humano’”.

Dessa forma, os órgãos sexuais são os responsáveis por outorgar coerência à norma de gênero, é o que Preciado entende por tecnologias do sexo, que se referem às biotecnologias de produção e reprodução do corpo. De certa forma, somos todos/as operados/as por tecnologias sociais. Em acordo com esse pensamento, Bento (2008) interroga:

Depois de uma minuciosa e contínua engenharia social para produzir corpos-sexuados que tenham na heterossexualidade a única possibilidade humana de viver a sexualidade, como se pode continuar atribuindo à natureza a responsabilidade daquilo que é o resultado das tecnologias gerenciadas e produzidas pelas instituições sociais? (BENTO, 2008, p. 33 e 34).

Para Bento (2008), o corpo sexuado, que dá inteligibilidade aos gêneros, encontra na experiência transexual seus próprios limites discursivos. A autora evidencia

essa experiência como caracterizada por deslocamentos, ou disputas entre o gênero e o corpo sexuado. Para ela, existem pelo menos três deslocamentos possíveis na experiência transexual. A primeira se dá entre o gênero e o corpo sexuado, quando os/as transexuais alteram a aparência do gênero com intervenções cirúrgicas, hormonais, uso de maquiagem, etc.; o segundo deslocamento acontece entre o gênero, a sexualidade e o corpo sexuado. Como o/a transexual reivindica pertencer ao outro gênero e corpo sexuado, supõe-se assim, que seu objeto de desejo será o sexo oposto ao assumido, dado efetivamente como heterossexual, mas há transexuais que se consideram gays ou lésbicas.

Quando uma pessoa que já vive o primeiro deslocamento (corpo e gênero) escolhe como objeto de desejo uma pessoa que tem o mesmo gênero que o seu, produz-se um outro deslocamento. A sexualidade e a identidade de gênero divergem das normas de gênero. (BENTO, 2006, p. 107).

Bento (2006) estabelece como terceiro deslocamento o dos olhares a que os/as transexuais são submetidos, pois o olhar classifica o gênero e a experiência transexual coloca em dúvida o olhar, não sendo possível saber qual a anatomia que está coberta pelas roupas. A autora assinala esses deslocamentos a partir de sua pesquisa de campo em que entrevistou transexuais participantes do programa de transgenitalização do Hospital das Clínicas de Goiânia e acompanhou por um período o Grupo de Identidade de Gênero e Transexualidade (GIGT) da cidade de Valência, Espanha. Em sua pesquisa, Bento declara que a transexualidade está sustentada por duas bases, uma biológica e outra psicanalítica. Os programas de transgenitalização se baseiam em dois documentos oficiais precisamente: as Normas de Tratamento da Harry Benjamin International Gender Dysphoria Association (HBIGDA) e o Manual de Diagnóstico e Estatísticas de Distúrbios Mentais da Associação Psiquiátrica Americana (APA).

Os estudos sobre o “fenômeno transexual” surgiram na década de 1950, que autora considera como o início da construção do “dispositivo da transexualidade”, em que o saber médico estabeleceu a verdade sobre a transexualidade. A HBIGDA tornou-se a responsável pela normatização do tratamento para os/as transexuais em todo o mundo, que através do livro “El Fenómeno transexual” de Harry Benjamin, indica os parâmetros para diagnosticar o “verdadeiro” transexual. Segundo o sexólogo, o

verdadeiro transexual se enquadra nesses seis parâmetros: vive uma inversão psicossocial total; apenas vestir as roupas do gênero assumido não é suficiente; sente intenso mal-estar de gênero; deseja intensamente manter relações com homens e mulheres normais (ou seja, heterossexuais); solicita a cirurgia com urgência (mudança de sexo); e odeia seus órgãos.

Para Benjamin, a única “solução” possível para os/as transexuais é a cirurgia, pois como o/a transexual tem aversão aos seus órgãos, toma-o/a como assexuado/a e através da intervenção cirúrgica, poderá exercer sua sexualidade de forma “normal”, apropriada, portanto, define-o/a como heterossexual. Porém, Bento (2006) verificou em seu trabalho de campo que muitos/as transexuais não se encaixam exatamente nesses parâmetros. De acordo com os relatos obtidos, os/as transexuais não são assexuados/as e também não solicitam a cirurgia motivados/as pela sexualidade, mas acima disso, para ter inteligibilidade social. Como sua pesquisa mostra, muitos/as não se importam em mudar a genitália, pois já se sentem homens/mulheres e esse sentimento de pertencimento de gênero é maior do que o sexo. A experiência, na prática, contrasta com o/a transexual estabelecido/a nos documentos oficiais. Como Bento (2008, p. 53) afirma: “as intersecções entre uma narrativa e outra não são suficientes para se concluir que haja um núcleo comum compartilhado por todos os que vivem a experiência transexual”. Não é possível, então, classificar os/as transexuais como sujeitos que apenas desejam mudar o sexo, pois a própria transgenitalização não se limita à sexualidade, mas atravessa as relações, como afirma Bento.

Para a autora, o problema consiste nesse poder/saber que produz a verdade transexual e o/a enquadra numa matriz heterossexual, é o que ela denomina de dispositivo da transexualidade, que funciona para corrigir as ambiguidades e instaurar a coerência da identidade de gênero e do corpo sexuado. Por isso, Bento (2006) acredita que não existe uma identidade transexual, mas sim a experiência transexual. Para ela, mesmo que existam alguns pontos de unidade entre os sujeitos que vivem essa experiência, isso não permite concluir a existência de uma identidade transexual, no sentido de uma identidade universal e/ou absoluta. A autora se deparou com muitas narrativas diferentes, as quais impediram confirmar uma centralidade da categoria da transexualidade. “Sugiro que não há uma identidade transexual, mas posições de

identidade, pontos de apego temporários que, simultaneamente, fixam e deslocam os sujeitos que vivem a experiência transexual” (BENTO, 2006, p. 25).

No meio médico, a experiência transexual desestabiliza exatamente a ordem que as ciências biológicas têm o propósito de manter, seu trabalho de eliminar as ambiguidades e regular as contradições das identidades generificadas e sexuadas não se sustenta diante das configurações possíveis que a experiência transexual abrange. Ser de um sexo, mas se identificar com o gênero de outro e, ainda, desejar o mesmo gênero que se assume é desestruturar a relação causal heterossexual entre sexo/gênero/prática sexual/desejo. A experiência transexual desperta para a vulnerabilidade de todas as identidades que se passam por fixas e coerentes, pois denuncia que o ideal identitário é inatingível para todas as pessoas.

Ao discutir sobre os deslocamentos existentes na experiência transexual, podemos entender que todas as identidades generificadas e sexuadas são instáveis e falsamente dadas como naturais, efeito discursivo da norma de gênero que lhe confere inteligibilidade. Logo, revelam a construção fictícia dessa norma e como essas diferenças são produzidas pelo poder que as práticas de representação exercem na sociedade.

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. [...]. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. [...]. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como *uma* identidade, mas simplesmente como *a* identidade. (SILVA, 2014, p. 83, grifo do autor).

As identidades são formadas por negociações sociais, culturais e políticas, como também, por meio das representações que delas são realizadas nas narrativas midiáticas, assim, torna-se pertinente compreender como se deu a construção da identidade transexual na telenovela *A Força do Querer*, da Rede Globo, considerando a importância que esse gênero televisivo tem em nossa cultura.

A identidade transexual construída na telenovela A Força do Querer

A partir do pensamento proposto por Bento (2006, 2008), encontramos os três deslocamentos da experiência transexual na construção da/do personagem Ivana/Ivan (Carol Duarte), qual vamos analisar a partir dessa caracterização formulada pela autora, a começar pelo primeiro deslocamento, quando o personagem Ivan aparece de barba e bigode, efeito dos hormônios. No capítulo do dia 1º de setembro de 2017, numa conversa com Elis (Silvero Pereira), Ivan fala sobre a reação que sua mãe teve ao vê-lo pela primeira vez com barba e bigode:

Ivan: É estranho isso, antes era eu que não me reconhecia, agora me reconheço, mas parece que ninguém mais me reconhece.

Elis: Eu te falei que não ia ser fácil.

Ivan: A minha mãe fugiu de mim, Elis, ela nem disfarçou. Ela me olhou assim como se eu fosse um fantasma.

Elis: Dá um tempo para ela, é uma situação nova, inclusive para você. Olha, agora, você está aqui escondido, mas depois, você vai ter que voltar para o seu mundo, para os seus amigos, seu vôlei, só que com uma aparência nova.

Ivan: Eu preciso fazer essa cirurgia de qualquer forma, Elis.

Elis: Não, não, você não vai procurar um açougueiro desses qualquer porque eu não vou deixar.

Ivan: Eles não vão bancar, entendeu, eles não vão.

Elis: Ivana, nossa é até difícil, assim, chamar desse jeito agora, desculpa. Olha, presta atenção, você *tá* nascendo de novo, e isso não é só para você, é para eles também.

Ao ver o filho pela primeira vez na versão masculina, Joyce (Maria Fernanda Cândido) se espanta, não consegue ficar na presença dele e sai de camisola, no impulso, para o escritório do marido. Essa reação demonstra a dificuldade em reconhecer o filho com a nova aparência, pois sua identidade se tornou ininteligível, fora de lugar. As mudanças hormonais e/ou cirúrgicas que os/as transexuais realizam, criam uma ruptura com a ordem dos gêneros, permitindo que a pessoa transite entre ambos os universos, contendo em si mesma o feminino e o masculino ao mesmo tempo. Mas passado o período de transição, ao se estabelecer no gênero identificado, a ordem volta a ser reestabelecida, principalmente para aqueles que não acompanharam a transição, pois conhecem ele ou ela, e não viram a pessoa com ambos os aspectos, como no diálogo abaixo, exibido no dia 5 de agosto de 2017, quando Ivana começa a se vestir de homem:

Ivana: Ninguém estranha o T., você reparou?

Simone: Claro.

Ivana: Ninguém olha para ele como minha mãe me olha, como meu irmão me olha, como aqueles caras na rua me olharam.

Simone: Porque ele é homem. Agora, ele parece um homem, mas Ivana, se ele nasceu mulher, teve um momento também que ele ficou confuso, que as pessoas ficaram confusas, ele deve ter passado por tudo que você está passando.

A declaração de que “ninguém estranha o T.” é justamente porque todos o conheceram já como homem, ou melhor, na aparência masculina, sem as incoerências de ambos os gêneros. Isso revela como a aparência legítima a identidade da pessoa, é a aparência que confere inteligibilidade aos homens e às mulheres, à feminilidade e à masculinidade. Na telenovela, essa diferença no tratamento com alguém no processo de transição e com aquele que já se encontra no gênero identificado foi evidenciado através dos personagens Ivan e T. (Tarso Brant³). Os familiares e amigos de Ivan reagiam com estranhamento, conforme ocorriam suas mudanças, diferente de quando eram apresentados ao T., chamado sempre de rapaz, pois não havia dúvidas sobre “quem ele era”. Quando Simone (Juliana Paiva) o vê pela primeira vez, sem saber que era ele, diz “olha que gato aquele garoto ali de azul, de barbinha”. O estranhamento, neste caso, vinha depois, ao descobrir que ele já tinha tido uma aparência feminina. Como na transcrição seguinte, do dia 31 de julho de 2017:

Simone: Vocês estão me zoando.

Ivana: Eu falei a mesma coisa quando conheci ele.

T.: Verdade.

Simone: Então, você era uma mulher?

T.: Igualzinho a você.

Simone: Dá licença (apalpa o peito dele). Não tem.

T.: Não tem.

Ivana: Simone, eu te falei. Ela não acredita, cara.

T.: É, normal, relaxa.

Simone: Você não pode ter nascido mulher. Então, você é hermafrodita?

T.: Não, *perai*, hermafrodita nasce com os dois sexos, eu só tinha um.

Simone: Mas você tem barba, tem musculatura, eu *tô* vendo.

³ Tarso Brant é ator e transexual, participou da trama como ele mesmo, compartilhando sua própria história.

T.: Hormônio.

Simone: Então, quer dizer que se você for mesmo transgênero, você vai ficar igual a ele?

T.: Vai, se ela fizer a transição vai, mas se ela não fizer, vai continuar sendo uma transgênero no corpo que ela nasceu.

Simone: *Tô* chocada.

Ao T. afirmar que nasceu mulher, Simone passa a conferir, em seu corpo, a veracidade dessa declaração, apalpando-o para encontrar seus seios, parte inerente do corpo de uma mulher, mas não encontrando e vendo sua barba, seus músculos, constata o que seus olhos veem, que não se trata de uma mulher, justificando a ambiguidade de seu corpo na condição de ser hermafrodita, que aliás, por ser anatomicamente possível nascer assim e ser socialmente “aceito”, parece ser a explicação mais coerente para a compreensão de seu corpo. Novamente, a perplexidade que a experiência transexual provoca por romper os pilares determinados para os gêneros. Outra possibilidade que esse desvio entre o corpo sexuado e o gênero ocasiona, representado também na telenovela, é a possibilidade de gravidez em corpos de transhomem, que pode causar ainda mais impacto, pois a aparência é masculina, mas a maternidade é uma característica própria de um corpo de mulher. Essa situação cria uma confusão no que a sociedade entende como os elementos que fazem parte do gênero feminino e do masculino, talvez, seja a condição mais transgressora para a estabilidade das normas de gênero.

Outro ponto abordado na novela, referente ao primeiro deslocamento, é a cirurgia de mastectomia, que para Ivan, seria a concretização da correção entre seu corpo e mente, mas para sua mãe, esse procedimento nada mais é que uma mutilação, ou seja, é a degradação de um corpo que nasceu “perfeitamente” saudável. Ao tomar esse procedimento como uma contravenção, ou mesmo, como um desrespeito à humanidade, os/as transexuais são estigmatizados, mas como lembra Preciado (2014), a sociedade ignora o fato de que todos passaram pela primeira operação simbólica ao nascer, qual foram instituídos como pertencentes a um dos sexos e, conseqüentemente, este determinou o gênero e a posição social que cada um deveria ocupar.

O segundo deslocamento acontece entre o gênero, a sexualidade e o corpo, qual assinala a independência da orientação sexual em relação ao gênero. Quando o/a transexual passa a pertencer ao outro gênero e corpo sexuado, supõe-se que seu objeto de desejo será, conseqüentemente, o sexo oposto ao assumido, presumindo-o/a como

heterossexual. Essa convenção, por ter se tornado uma obrigação social, confunde a/o própria/o personagem transexual, como no diálogo a seguir, entre Ivana e sua terapeuta, no dia 10 de agosto de 2017:

Ivana: Eva, eu ainda não me sinto encaixada, mas eu sei onde me encaixo, só tem uma coisa que ainda me incomoda, me perturba, o Cláudio, não mudou nada em relação ao Cláudio, quero dizer, os meus sentimentos, eu amo o Cláudio, eu continuo sentindo atração por ele.

Eva: E o que é que isso tem de extraordinário?

Ivana: Ué, porque eu achei que isso ia mudar também.

Eva: Você está mudando de gênero, não de sexualidade, são coisas diferentes.

Ivana: São?

Eva: Você tem amigos homens que são gays, não tem? As pessoas nascem homens ou mulheres, mas a sexualidade delas pode estar direcionada para pessoas de sexo diferente ou pessoas do mesmo sexo. As pessoas podem ser heterossexuais ou gays.

Ivana: Você acha que eu sou gay?

Eva: Se você completar essa travessia, você vai ser tornar um trans homem gay.

A explicação da psicóloga deixa claro que a identidade generificada e a sexualidade são coisas distintas, que funcionam independentes uma da outra. Já o terceiro deslocamento, refere-se aos olhares depositados às pessoas trans, que carregam em si as ambiguidades dos gêneros. Sobre esse julgamento social, em que a aparência está submetida, Simone e Ivana conversam, quando ela decide realizar a transição:

Simone: Se as tuas mudanças forem acontecendo, mesmo aos poucos, seu visual vai ficar bagunçado, né? Sei lá, vai ter características de homem misturadas com a de mulher, você acha que está preparada para isso? Tô falando de receber os olhares das pessoas.

Ivana: Se eu não conseguir, vou estar desistindo de mim.

Para a prima, é uma questão de avaliar se a escolha da transição é mesmo viável, e pergunta se Ivana está preparada, já que em nossa sociedade, é muito difícil “receber os olhares das pessoas” quando não se apresenta de uma forma inteligível. O transexual T. também afirma isso no capítulo do dia 30 de agosto de 2017: “é muito difícil carregar um corpo que não é seu. O corpo é a identidade da gente, a identidade da gente tá ali. Se

você *tá* no corpo, as pessoas sempre cobram de você uma coisa que você não é, uma coisa que você não pode ser”. Nessas palavras, verifica-se que, se a pessoa está num corpo que não se identifica, é “cobrada” a se portar de acordo com a inteligibilidade desse gênero, mas sua inadequação a esse gênero torna essa cobrança uma impossibilidade de ser cumprida, como também, quando a pessoa está no processo de transição, com a aparência “bagunçada”, tanto corresponder ao gênero estabelecido no nascimento quanto a cobrança social tornam-se impossíveis de se realizar, pois se a pessoa apresenta características de homem e de mulher ao mesmo tempo, em que gênero ela deve ser cobrada? Daí a impossibilidade de enquadrá-la exatamente neste ou naquele gênero.

Além de retratar a transexualidade a partir desses três deslocamentos, a telenovela construiu uma identidade transexual, representada através de uma estratégia comunicacional em combinar cenas sobre os conflitos de Ivana, que desconhecia a razão de sua inadequação ao gênero feminino, seguidas das explicações de Elis Miranda/Nonato, que ocupava uma posição de especialista no assunto. Percebemos nessa composição de cenas, uma construção exata e precisa do que é ser transexual, como rejeição e ódio aos órgãos sexuais. No caso do transhomem, essa aversão é mais forte em relação aos seios, Ivana surra seus seios entre um capítulo e outro, usa faixas para escondê-los e sempre afirma “eu queria tirar, não queria que eles tivessem nascido”. Outra característica é a dificuldade em ter relações sexuais. Num comportamento assexuado, a personagem sempre foge do beijo e/ou do toque físico com seu namorado, e quando perde a virgindade com ele, sente-se mal por causa de seu próprio corpo.

Ainda assim, quando um sistema representacional, como a telenovela, utiliza-se de seu poder para transmitir informações de utilidade pública e contribuir com a formação discursiva a favor da diversidade, da inclusão social e da liberdade do indivíduo em se reconhecer fora da norma estabelecida para as identidades generificadas e sexuadas, tendo autonomia para se expressar socialmente, mesmo com as incoerências percebidas ao longo da análise sobre a construção de uma identidade transexual, seu papel se revela de grande importância para o contexto atual, e para possíveis mudanças em nosso país. A própria experiência transexual proporciona a construção de novos significados para os gêneros. Segundo Bento (2006, p. 178), “o

gênero só existe na prática e sua existência só se realiza mediante um conjunto de reiteraões cujos conteúdos são frutos de interpretações sobre o masculino e o feminino” (BENTO, 2006, p. 178). Dessa forma, as estruturas que produzem e regulam o gênero são cambiantes e possíveis de serem transformadas, quando mais, reforçadas pelos sistemas de representação, que lhes dão visibilidade.

Considerações finais

Com base na análise realizada sobre a construção da identidade transexual em *A Força do Querer*, percebeu-se que a novela produziu uma identidade transexual baseada no padrão formulado oficialmente pelo saber/poder médico. A representação do personagem transexual coincidiu com os três deslocamentos propostos por Bento (2006): as mudanças na aparência; a diferença entre identidade de gênero e sexualidade; e os olhares que os/as transexuais estão submetidos. Mas construiu um sujeito transexual baseado no que a autora denomina de “dispositivo da transexualidade”, ou seja, numa identidade transexual fixa e pré-determinada, enquadrada num modelo preciso e rigoroso do que é ser transexual.

Apesar disso, consideramos o seu discurso muito importante para o momento atual, por se colocar favorável às diferenças identitárias, dando visibilidade para as identidades marcadas por sua diferença.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. **A Reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

_____. **O que é Transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

DU GAY, Paul et al. **Doing Cultural Studies**: the story of the Sony Walkman. Londres: Sage, 1997.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103-133.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.